

**Narrativas docentes do PPGE-Unimep:  
reminiscências de formação em pesquisa e docência na pós-graduação**

**Teaching narratives of PPGE-Unimep: reminiscences of training in research and  
teaching in graduate studies**

**Narrativas docentes del PPGE-Unimep: reminiscencias de la formación en investigación  
y docencia en estudios de posgrado**

Claudia da Silva Santana<sup>1</sup>

*Depoimentos:*

*Dermeval Saviani  
Rinalva Cassiano Silva  
John Cowart Dawsey  
Wagner Wey Moreira  
Raquel Pereira Chainho Gandini  
Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha  
Selma Borghi Venco*

**Resumo**

O presente texto é composto por depoimentos de professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, alusivos aos 50 anos de existência dos cursos de mestrado e doutorado em educação. Os testemunhos narram a experiência singular e coletiva vivida pelos docentes na pesquisa, docência e formação de mestres e doutores ao longo das cinco décadas celebradas em 2022. Distintos momentos dessa história, desde sua origem, fazem emergir lembranças e marcas de uma experiência acadêmica plena de aprendizado e realizações, proporcionadas pelo ambiente intelectual, profissional e afetivo desse lugar.

**Palavras-chave:** memória docente; pós-graduação em educação; Unimep.

**Abstract**

This text is composed of testimonies of professors of the Graduate Program in Education of the Methodist University of Piracicaba, alluding to the 50 years of existence of the master's and doctoral courses in education. The testimonies narrate the unique and collective experience lived by professors in research, teaching, and training masters and doctors over the five decades celebrated in 2022. Different moments of this history, since its origin, bring forth memories and marks of an academic experience full of learning and achievements, provided by the intellectual, professional and affective environment of this place.

**Keywords:** teaching memory; graduate program in education; Unimep.

---

<sup>1</sup> Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba/SP. E-mail: [santana50claudia@gmail.com](mailto:santana50claudia@gmail.com).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9371-1669>.

## Resumen

Este texto está compuesto por testimonios de profesores del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Metodista de Piracicaba, aludiendo a los 50 años de existencia de los cursos de maestría y doctorado en educación. Los testimonios narran la experiencia única y colectiva vivida por los profesores de magísteres y doctores en investigación, docencia y formación a lo largo de las cinco décadas celebradas en 2022. Diferentes momentos de esta historia, desde su origen, traen recuerdos y marcas de una experiencia académica llena de aprendizajes y logros, proporcionados por el entorno intelectual, profesional y afectivo de este lugar.

**Palabras clave:** memoria docente; posgrado en educación; Unimep.



Figura 1: Docentes do PPGE-UNIMEP – 2010  
Fonte: acervo de imagens do PPGE-UNIMEP

## Apresentação

O plantio da árvore Sapucaia, ocorrido por ocasião da publicação do resultado da avaliação da Capes em 2010, referente ao triênio 2007-2009, que manteve a atribuição do conceito 5 (cinco) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, se constituiu como um evento emblemático na memória docente e discente daqueles que partilharam esse momento há cerca de doze anos, no contexto de adversidades e grandes desafios institucionais que marcaram este período. A resistência e exuberância da Sapucaia simbolizavam, para este coletivo de professores, um tempo de travessia concluída com êxito ou de travessia pausada para registro desta fotografia.

Ao longo dos próximos períodos avaliativos do Programa pela Capes, durante a década que se seguiu, a confirmação da excelência e destaque do PPGE mereceram o plantio de outras mudas de árvores pelo *campus* Taquaral da UNIMEP, mas esse foi um episódio

memorável pela alegria da manutenção de um conceito que colocava o Programa entre os mais qualificados do Brasil, desde 2001, além do prazer pelo trabalho coletivo realizado com dedicação, afinho e esperança.

Iniciamos esse texto com essa imagem fulgurante porque celebrar, em 2022, meio século de atividade na formação de mestres e doutores em educação requer buscar na memória o futuro: fatos e impressões que se articulam ao presente com aquilo que foi sonhado na origem quando se idealizou um ensino de pós-graduação de excelência em uma universidade em gestação. Assim, na celebração dos 50 anos do PPGE-UNIMEP evocam-se memórias docentes dos professores e das professoras que vivenciaram distintos momentos dessa história, desde sua origem, que fazem emergir lembranças e marcas de uma experiência acadêmica singular e plena de realizações, proporcionadas pelo ambiente intelectual, profissional e afetivo desse lugar.

Sete ex-docentes do PPGE aceitaram o convite para a produção de testemunho relativo à sua vivência como integrante do corpo docente, percorrendo distintos períodos. Procuramos compor um conjunto de narrativas que trouxessem algumas marcas e marcos dessa experiência. Iniciamos, então, com os depoimentos que revelam uma certa ordem cronológica a partir dos primeiros atos e do processo de implantação do curso de mestrado na década de setenta, com o relato do Prof. Dermeval Saviani (1973-1976), apresentando em seguida os depoimentos dos ex-docentes e seus períodos de ingresso e atuação no Programa: Rinalva Cassiano Silva (1987-1999), John Cowart Dawsey (1989-1996), Wagner Wey Moreira (1992-1998), Raquel Pereira Chainho Gandini (1999-2013), Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha (2009-2018) e Selma Borghi Venco (2010-2013).

O Prof. Dermeval Saviani relata em seu depoimento a constituição do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Educacional Piracicabano - IEP, hoje mantenedor da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Saviani destaca o pioneirismo da instalação do curso de mestrado em agosto de 1972, em uma cidade do interior paulista, sob a liderança dos professores Antônio Joaquim Severino, Newton Aquiles Von Zuben e Geraldo de Oliveira Tonaco ao seu lado na equipe dos primeiros docentes. Neste relato, o professor enfatiza o importante impacto que o Programa exerceu na formação de quadros de pesquisadores integrantes do corpo docente de instituições de ensino superior do interior do estado de São Paulo e seus efeitos na qualificação de professores de diversas instituições como a UNAERP, de Ribeirão Preto, a PUC de Campinas, a UFSCar e a própria UNICAMP.

A profa. Rinalva Cassiano Silva recorda em seu testemunho o envolvimento que teve no processo de reconhecimento do mestrado – PPGE/UNIMEP em Brasília, no decorrer da década de setenta, estando inicialmente vinculada à administração superior do IEP, a convite do primeiro Reitor Dr. Richard Senn. No final da década de 1980, após a conclusão do seu doutorado na Vanderbilt University, nos Estados Unidos, Silva passa a atuar como docente do PPGE na área de Administração Escolar, ministrando disciplinas e orientando pesquisas de mestrado com este foco. Como coordenadora do PPGE atuou na consolidação do Doutorado, criado em 1992. Neste relato, a professora relembra o convívio com colegas docentes e técnicos-administrativos e destaca a importância do PPGE na formação de pesquisadores e professores do ensino superior das instituições metodistas.

O Prof. John Cowart Dawsey rememora o período de sua atuação no PPGE, entre os anos de 1989 e 1997, reconhecendo a abertura interdisciplinar do Programa para explorar a interlocução entre as áreas de Educação e Antropologia, na linha de pesquisa Linguagem e Cultura, juntamente com os célebres colegas professores Hugo Assmann e Amálio Pinheiro. As leituras, fichamentos e os experimentos com a etnografia marcaram as pesquisas orientadas por este professor. Dawsey destaca a potência dos debates sobre diferentes formas de saber e de se produzir saber, chamando a atenção para as distintas perspectivas do pesquisador que produz saber com e produz saber sobre a realidade investigada. A imagem do círculo de diálogo é evocada para lembrar as inúmeras vezes em que esta forma se materializou nas rodas das aulas com os/as pós-graduandos/as na disciplina Bases Epistemológicas do curso de mestrado.

O Prof. Wagner Wey Moreira expõe sobre a implantação da linha de pesquisa denominada Educação Motora no PPGE, na década de noventa, liderada por ele e pelos professores doutores Ademir de Marco e Ademir Gebara. A reflexão e difusão das bases epistemológicas sobre a Motricidade Humana e Corporeidade integravam a proposta desta linha de pesquisa, fornecendo fundamentos para as áreas de Educação e Educação Física. Moreira lembra a atração exercida por esta linha pesquisa, responsável por trazer ao PPGE pesquisadores/docentes dos mais variados estados brasileiros como: São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas.

A Profa. Raquel Pereira Chainho Gandini ressalta em seu depoimento a intensidade da experiência no PPGE, o respeito profissional e a alegria da convivência com os colegas. O trabalho conjunto nas disciplinas ofertadas semestralmente, compartilhado entre dois docentes

do Núcleo de Pesquisa, é enfatizado como um tipo peculiar de organização do trabalho pedagógico que tem efeito importante na qualidade das aulas. A professora destaca, ainda, a orientação das pesquisas de mestrado e de doutorado como experiência inesquecível e relevante para seu amadurecimento e aprendizado como docente e pesquisadora.

A Profa. Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha reflete sobre a condição de professora iniciante na pós-graduação e o quanto a experiência acadêmica construída junto aos colegas e alunos/as contribuíram para o processo formativo contínuo como docente e pesquisadora. Na figura de dois professores experientes do PPGE, Cunha homenageia os/as colegas que compartilharam saberes e experiências durante esse percurso no Programa e reconhece o valor do PPGE-UNIMEP para o seu desenvolvimento profissional.

A Profa. Selma Borghi Venco narra o seu ingresso no PPGE e reflete acerca das expectativas diante da tradição de excelência acadêmica no ensino e na pesquisa de pós-graduação, ressaltando ainda o histórico de engajamento político da Universidade nas lutas enfrentadas ao longo de sua trajetória. Em seu relato, a professora destaca a semelhança com as universidades públicas no que se refere ao funcionamento do Programa onde parte da jornada do docente em tempo integral era dedicada à pesquisa e à extensão, com acompanhamento sistemático da produção, organizado em núcleos temáticos que agregavam docentes e estudantes. Em sua perspectiva crítica, Venco observa afinidades com a lógica gerencialista sobre algumas decisões institucionais atuais e aquilo que considera a escalada da ideia de educação-mercadoria tão presente nos discursos e práticas das IES subordinadas ao mercado educacional.

Esperamos que estes depoimentos possam trazer à memória daqueles que por aqui passaram, ou daqueles que tiveram uma convivência mais próxima com este programa, lembranças significativas de uma trajetória plena de realizações.

### **A Pós-Graduação da UNIMEP, 50 ANOS: um depoimento**

Dermeval Saviani<sup>2</sup>

O processo de institucionalização da pós-graduação no Brasil teve início com o parecer CFE 977/65, aprovado em 3 de dezembro de 1965, de autoria do conselheiro Newton Sucupira. No entanto, esse parecer Sucupira apenas conceituou a Pós-Graduação limitando-se

---

<sup>2</sup> Professor Emérito da UNICAMP, Pesquisador Emérito do CNPq, Coordenador Geral do HISTEDBR e Professor Titular Colaborador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP.

à modalidade “*stricto sensu*”, que foi estruturada em dois níveis, o mestrado e o doutorado sem que o primeiro fosse condição para o segundo. Ou seja, o mestrado poderia ser considerado um nível terminal, sem a necessidade de se prosseguir em nível de doutorado, assim como seria possível a matrícula no doutorado sem a necessidade de se ter cursado previamente o mestrado.

O referido parecer não tratou, pois, da pós-graduação “*lato sensu*” e também não cuidou do processo de implantação dos Programas de Pós-Graduação. Essa questão foi objeto do Parecer CFE 77/69, aprovado em 11 de fevereiro de 1969, também redigido por Newton Sucupira, que teve como objeto a regulamentação da implantação dos Programas de Pós-Graduação. Entretanto, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) se antecipou e já em 1965 deu início ao primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação do país. Foi, porém, após a aprovação do Parecer CFE 77/69, portanto, a partir do início de 1969, que se desencadeou a fase de implantação da pós-graduação *stricto sensu* da área de educação com a abertura, nesse mesmo ano, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Educacional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Chamei essa fase de implantação de período heroico (SAVIANI, 2012, p. 153) porque foi necessário criar as condições a partir de um quadro de precariedade, pois a pós-graduação foi sendo implantada suprindo-se a carência de infraestrutura com muito trabalho e criatividade como, por exemplo, na falta de bibliotecas adequadas, a aquisição de livros por parte dos professores que os transportavam no porta-malas dos próprios veículos para disponibilizá-los junto aos alunos nas instituições em que os programas começavam a funcionar. Nessas circunstâncias, às vezes o coordenador era também o secretário, datilografando os ofícios. Foi o que fiz no início de 1976 quando coordenei a implantação do Programa de Mestrado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), datilografando, assinando e entregando as declarações de participação no processo seletivo aos candidatos ao programa que vinham de diferentes locais do país e que precisavam comprovar, perante suas instituições de vínculo, o motivo de seu deslocamento até a UFSCar. Além disso, também desenhei e encomendei a produção das mesinhas que seriam utilizadas pelos alunos nas aulas e seminários de pesquisa.

Nesse contexto destaco o pioneirismo do Instituto Educacional Piracicabano que se originou do Colégio Piracicabano fundado em 1881 e que, em 1964, passou a se dedicar também ao ensino superior. Nessa condição, considerando a situação dos cursos superiores



então em funcionamento bem como a regulamentação da implantação da pós-graduação por meio do Parecer CFE 77/69, de 11 de fevereiro de 1969, foi ficando claro que a partir daí a instalação de universidades senão estivesse condicionada à oferta de cursos de pós-graduação, estes eram, ao menos, um elemento fundamental para a obtenção da aprovação em nível do MEC-CFE das propostas de criação de novas universidades. Foi nesse quadro que o Prof. Richard Senn, então dirigente do Instituto Educacional Piracicabano, aspirando transformá-lo em universidade, dirigiu-se ao Prof. Dr. Joel Martins que, naquele momento, se encontrava à frente da equipe que vinha instalando na PUC de São Paulo os Programas de Pós-Graduação, solicitando apoio para dar início, no Instituto Educacional Piracicabano, à organização da pós-graduação. Foi diante dessa proposta do Prof. Senn que o Prof. Joel nos indicou a mim e aos professores Antonio Joaquim Severino, Newton Aquiles Von Zuben e Geraldo de oliveira Tonaco, que integrávamos a equipe que estava dando início ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Educação da PUC-SP, que fôssemos a Piracicaba para desenvolvermos um Programa de Pós-Graduação nos moldes daquele da PUC-SP. Foi assim que, em agosto de 1972, instalou-se o Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Educacional Piracicabano que, em 1975, transformou-se na Universidade Metodista de Piracicaba, a UNIMEP.

Eis como surgiu, em Piracicaba, o Programa de Pós-Graduação em Educação que conferiu ao IEP a marca do pioneirismo ao criar um programa de pós-graduação numa cidade do interior, rivalizado apenas pela Universidade Federal de Santa Maria que instalou, em 1970, no interior do Rio Grande do Sul, o Programa de Mestrado em Currículo no âmbito de um convênio celebrado com a Organização dos Estados Americanos (OEA).

Tendo em vista que ao iniciar-se o segundo semestre de 1972 nós, da equipe do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Educação, como professores da PUC-SP, já estávamos com nossa carga horária definida para todo o ano, uma vez que, à época, os cursos funcionavam no formato de disciplinas anuais, nosso trabalho no Programa de Pós-Graduação do Instituto Educacional Piracicabano se desenvolveu em dois momentos semanais: No segundo semestre de 1972 os professores Aquiles Von Zuben e Geraldo Tonaco iam a Piracicaba às segundas e terças feiras e ministravam respectivamente as disciplinas Antropologia Filosófica e Teoria do Conhecimento. E, nas sextas e sábados íamos o Prof. Severino e eu ministrando respectivamente as disciplinas Filosofia da Educação e Problemas da Educação. A partir de março de 1973 nós unificamos os horários e passamos a ir, os quatro

professores, às segundas e terças feiras. Viajávamos juntos, revezando os nossos veículos e pernoitávamos no próprio prédio do Instituto. Dessa forma conversávamos constantemente nas viagens e em nossa estadia em Piracicaba sobre o andamento das atividades do Programa e sobre os perfis dos alunos e seu desempenho o que nos permitia a realização de um trabalho articulado diagnosticando as situações, identificando os problemas e tomando as decisões referentes às respectivas soluções. Sistemáticamente no início de cada período letivo, após apresentarmos o programa de cada disciplina e indicarmos as leituras que deveriam ser feitas, constatando a ausência de acesso à bibliografia indicada, ao regressarmos a São Paulo providenciávamos a aquisição dos livros e na semana seguinte enchíamos o porta-malas do carro para distribuir o material bibliográfico aos alunos.

Considerando a precariedade das condições de funcionamento do Programa, procuramos o diretor, Prof. Richard Senn, e fizemos algumas reivindicações ao que ele nos deu o seguinte recado: “vocês são os árabes; enquanto eu precisar de petróleo...”. De fato, na década de 1970 agravou-se a crise econômica com a escassez de petróleo, o que levou o Presidente da República, General Ernesto Geisel, a decretar a restrição do funcionamento dos postos de combustível e a limitação da velocidade em todas as estradas do país a no máximo 80 km por hora. Assim, com o tal recado, o dirigente do IEP estava nos dizendo que, àquela altura, ele não tinha saída senão atender ao que estávamos propondo, o que deixava no ar a conclusão de que, deixando de precisar de nós, ele poderia simplesmente nos descartar.

O fato é que o Programa de Pós-Graduação seguiu funcionando de forma consistente e, confirmando o pioneirismo de sua instalação em uma cidade do interior, constatamos imediatamente o importante efeito que provocou na qualificação de professores de diversas instituições de ensino superior do interior do estado de São Paulo como a UNAERP, de Ribeirão Preto, a PUC de Campinas, a UFSCar e a própria UNICAMP, cuja Faculdade de Educação foi instalada em 1972, sendo que seu Programa de Pós-Graduação em Educação começou a funcionar apenas em agosto de 1975. Entre as universidades cujos professores vieram a cursar a Pós-Graduação em Educação do IEP destaco a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), uma universidade nova, criada em 1966, cujos professores necessitavam se qualificar em nível de pós-graduação. Tivemos, então, como alunos, diversos professores dessa instituição sendo que os dois primeiros títulos de mestre conferidos pelo Programa foram obtidos pelas professoras Betty Antunes de Oliveira e Ester Buffa, ambas da UFSCar que, coincidentemente, foram minhas orientandas.



Betty Antunes de Oliveira defendeu sua dissertação de mestrado em novembro de 1974 tendo por título *Implicações Filosóficas da Tecnologia Educacional: Uma Experiência Brasileira*. E a dissertação de Ester Buffa, defendida em dezembro de 1975, teve como tema *Crítica Histórica das Ideologias Subjacentes ao Conflito Escola Particular-Escola Pública*.

O programa que desenvolvi para a disciplina “Problemas da Educação: teoria e prática” foi organizado em seis problemas identificados a partir de dois critérios: o potencial existencial e o alcance teórico desenvolvidos em três níveis: constatação da existência do problema; caracterização; e tentativa de solução, sendo que a tentativa de solução trazia em seu bojo o problema seguinte que era, por sua vez, constatado, caracterizado e submetido a uma possível solução seguindo, assim, até o problema de número 6 enunciado como a “necessidade de se compreender a educação no conjunto do processo de hominização”. A discussão do problema de n. 4 sobre a relação entre teoria e prática na educação levou à formulação do problema nº 5, assim enunciado: “como unificar teoria e prática (em busca de um método)”, no qual se colocou a necessidade de se superar a lógica formal em direção à lógica dialética. Sobre essa questão do método dialético relato o seguinte episódio:

Num determinado dia, no intervalo da aula, Betty Oliveira me procurou e me dirigiu a seguinte pergunta: “professor, é verdade que o método dialético tem por detrás uma concepção materialista e ateia?” Retruquei: “por que você está me fazendo essa pergunta?” Ela, então, me pôs a par da situação nos seguintes termos:

“Na UFSCar a professora de sociologia estava nos propondo um projeto de pesquisa indicando que o método a ser adotado seria o método estrutural-funcionalista. E o Nicolino (um colega da Betty na UFSCar que também estava cursando a disciplina comigo) indagou da professora se, para o problema de caráter social que era o objeto da pesquisa, não seria mais adequado lançar mão do método dialético, ao que a professora respondeu com a seguinte pergunta: ‘mas você não sabe que o método dialético tem por detrás uma concepção materialista e ateia?’ Diante disso nós ficamos sem ação.”

À vista desse relato eu disse à Betty: “mas não ocorreu a vocês de perguntar à professora qual é a concepção que está por detrás do método estrutural-funcionalista?” Ela, obviamente, me respondeu que não; isso não ocorreu. Então, eu lhe disse: “Pois é. Se vocês tivessem feito essa pergunta e tivessem procurado a resposta, teriam concluído que o método estrutural-funcionalista tem, por detrás, exatamente uma concepção materialista e ateia. Isso porque, no fundo, toda ciência é materialista. A ciência não procede por hipóteses metafísicas,

mas se baseia na experiência, na observação sensível, material; e, portanto, podemos dizer, também, que toda ciência é ateia porque não se guia pela fé, de modo geral, e especificamente pela crença em um Ser Sobrenatural, um Deus. Assim, mesmo que o cientista seja um homem de fé, adepto de determinada religião, como cientista ele coloca entre parêntesis sua fé e procura basear suas conclusões em evidências objetivas.”

Enfim, ao redigir esse depoimento sobre minha participação na fase de implantação do Programa de Pós-Graduação em Educação do IEP, hoje UNIMEP, decidi concluir com o episódio que acabei de relatar para ilustrar o importante impacto que o Programa exerceu na formação de quadros de pesquisadores integrantes do corpo docente de instituições de ensino superior do interior do estado.

E encerro meu depoimento parabenizando os organizadores dos eventos comemorativos dos 50 anos de existência da Pós-Graduação da UNIMEP e homenageando o saudoso Professor José Luís Sigríst, que participou desde a primeira fase e que, depois que nós, da equipe da PUC-SP, deixamos o Programa para assumir compromissos em outras instituições, Sigríst, estando já como coordenador geral dos cursos de pós-graduação da UNIMEP assumiu, também, por 13 anos, a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação assegurando a continuidade e qualidade dos estudos pós-graduados em educação. E concluo, exclamando: Vida longa ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba!

### **Entrevista com a Profa. Dra. Rinalva Cassiano Silva<sup>3</sup>**

Rinalva Cassiano Silva<sup>4</sup>

Quando eu entrei na Unimep ainda não tinha o mestrado, mas me recordo bem que me envolvi no processo de criação do PPGE, desde o seu início. Por diversas vezes fui ao CNPq e à CAPES com o propósito de ver o programa reconhecido. Neste período, eu fazia o mestrado na PUC-São Paulo, e assim que o mestrado foi autorizado, eu me transferi para a Unimep, e concluí o curso em julho de 1981. Na minha dissertação eu trabalhei a relação da educação com a economia e tomei como referência o curso de mestrado em agronomia da Esalq e

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao Prof. Dr. César Romero Vieira, coordenador do PPGE, no segundo semestre de 2022.

<sup>4</sup> Professora aposentada da UNIMEP. Ocupou os cargos de Vice-Reitora Acadêmica da UMESP e de Pró-Reitora de Graduação da UMESP e da UNIMEP. Pesquisadora e ex-presidente nacional da Associação Nacional de Política e Administração da Educação - ANPAE.

também a Câmara Municipal de Piracicaba. Eu pesquisei para entender como era a relação da educação com a economia em Piracicaba. Foi um trabalho duro, mas eu senti que estava realizada com esse trabalho.

Naquela época, o ambiente era muito calmo e tranquilo, era uma turminha pequena. Eu me lembro bem da Ivone, que era secretária do Programa, pessoa muito boa e habilidosa. Lembro-me muito bem da Ivone porque o meu diploma de mestrado não havia ficado pronto e aí quando eu concluí o doutorado e trouxe o diploma para ser registrado, a Ivone falou que o meu diploma de mestrado estava com ela e se eu quisesse retirar tinha que pagar uma taxa. Eu falei para ela que eu não iria pagar nada, pois eu ajudei a criar o programa (risos). Então, ela disse: “tá bom!”, e me entregou o diploma. Eu posso dizer que eu vivi um tempo muito bom no programa. Naquele período, o programa funcionava no campus centro, em cima da biblioteca.

O doutorado eu fiz nos Estados Unidos, na Vanberbilt University, de 1982 a 1986. Eu fiquei lá com uma bolsa da CAPES, por quatro anos e meio. Quando eu cheguei lá o meu inglês era muito ruim, aquela coisa de brasileiro em sua primeira experiência. Para corrigir isso, cursei seis meses de inglês e só depois iniciei o curso.

Quando eu retornei, com o doutorado concluído, eu entrei no Programa, e comecei a lecionar. A minha tese de doutorado foi em Administração Educacional e eu pesquisei o perfil de um reitor. Eu entrevistei os professores Ely Éser, Elias Boaventura e o Almir de Souza Maia para fazer a minha tese, porque o meu enfoque era na figura de um reitor metodista. Permaneci como professora do PPGE até o ano de 1999, quando eu tirei uma licença e fui para a Umesp, para trabalhar na função de vice-reitora acadêmica por um período de dois anos. Lá, ajudei a criar os Programas de Pós-Graduação em Educação e em Administração. Ao término da licença, retornei à Unimep e permaneci no programa até eu deixar a Unimep, em definitivo.

Eu escrevi diversas publicações entre artigos e livros sobre o tema da administração escolar, entre eles: *Entre a autonomia e a competência*, em coautoria com o prof. Davi Barros (1993); *Pensando a Pós-Graduação* (1993), em coautoria com o grupo do Fórum Paulista de Pós-Graduação; *Educação: a outra qualidade* (1995); *Administração escolar e política da educação* (1997), em co-autoria com Dra. Fátima Cunha F. Pinto e Dra. Mariana G. Feldmann. Acho que esses são os principais.

Pela minha atuação no PPGE eu cheguei a ocupar o cargo de presidente da sessão sudeste da ANPAE e também o de presidente nacional, por um período de dois anos. Em 2020, o prof. Romualdo Portela, atual presidente, entrou em contato comigo para me comunicar que eu iria receber uma homenagem por serviços prestados à ANPAE, não pude estar presente, mas fiquei lisonjeada com a homenagem.

Sobre a criação do doutorado em 1992, eu me lembro muito pouco. Só sei que o processo foi muito mais exigente do que o de mestrado. Fiz o mesmo percurso para Brasília para ir ao CNPq e à CAPES por diversas vezes, até que saiu. E aí eu continuei como professora do programa.

Com o mestrado e os cursos em franco desenvolvimento, a Unimep já tinha uma fama de excelente universidade, mas com o doutorado abriu-se um horizonte ainda maior. Todos aqueles que pensavam em fazer pós-graduação em São Paulo, queriam vir para a Unimep, porque sabiam que o programa tinha linhas de pesquisas muito boas, e professores altamente capacitados. Entretanto, na minha opinião, o mestrado foi um período mais entusiástico. O doutorado, eu diria assim, foi uma continuação que projetou mais a Unimep no cenário nacional.

Muitos metodistas vieram estudar no programa, e quando regressavam para suas instituições de origens, se sentiam realizados. A presença deles foi muito importante para o programa e também para a própria igreja. Muita gente passou por aqui e muitos permaneceram. E veio muita gente de São Bernardo (Umesp) para fazer o curso na Unimep, além de outras instituições confessionais, não me recorde de todas.

Eu tenho um carinho muito grande pela Unimep e não é só pelo programa. Foi o Dr. Richard Senn que me convidou para visitar Piracicaba. Naquela ocasião eu morava em Anápolis. Eu vim e fiquei aqui por uma semana e ele me perguntou se eu gostaria de permanecer. A princípio, fiquei com algumas dúvidas, mas por fim acabei aceitando o convite. Lembro-me que foi em agosto de 1971. Os únicos cursos que existiam eram o de pedagogia, administração e direito. Com a euforia do governo militar em abrir cursos superiores, abrimos letras português e inglês, ciências sociais, educação física, engenharias, fonoaudiologia e fisioterapia. Foi um período que me motivou muito.

## **Anos de aprendizagem**

John C. Dawsey<sup>5</sup>

Cheguei à Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em 1989, como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação. Na verdade, foi um momento de retorno. Eu já estivera na instituição em fins dos anos 1970 e inícios dos anos 1980, quando realizei pesquisas de doutorado, em Piracicaba, andando em caminhões de boias frias e morando com uma família no antigo Risca-Faca. Nessa época, em que o Professor Elias Boaventura era reitor, a universidade tornou-se um marco na educação, em sua luta pela redemocratização do país. Senti alegria e orgulho de participar de uma instituição conhecida por sua proposta libertadora de educação. E, por sua busca pela excelência acadêmica. Na gestão do Professor Almir Maia, em fins dos anos 1980, essa busca se intensificou.

Como um antropólogo recém-formado pela Emory University, ingressei como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep. O Programa apresentava uma proposta generosa, crítica e interdisciplinar, voltada para os estudos da educação e suas interfaces. Em companhia de dois professores, Amálio Pinheiro e Hugo Assmann, participei da linha de pesquisa Linguagem e Cultura.

Durante esses anos, procurei explorar as relações entre educação e antropologia. Com os alunos, investigamos diferentes formas de saber e modos de produzir saber. Partíamos da premissa de que experiências educacionais se constituem não apesar, mas em virtude das diferenças. Processos de formação provocam deslocamentos. Procuramos compreender diferentes concepções de saber. Há formas de saber sobre, e saber com. Modos de saber associados a culturas orais, culturas letradas. Em sua multiplicidade, os saberes se associam a diferentes concepções de tempo e espaço. Há saberes vitais corporificados. Dos sentidos do corpo são produzidos sentidos do mundo. Diferentes culturas privilegiam diferentes sentidos. Há saberes que se afundam no esquecimento e se alojam em camadas suprimidas da vida social. Num lampejo, articulam-se ao presente, provocando um estremeamento, friccionando as superfícies do real. Os lugares e tempos de produção do saber podem ser surpreendentes. Em momentos de interrupção, com efeitos de estranhamento, às margens ou no límen de universos sociais e simbólicos, se produz o saber. O estudo de processos educacionais também requer, entre as múltiplas formas de acesso à experiência humana, uma etnografia

---

<sup>5</sup> Professor Titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Bolsista produtividade do CNPq na área de Antropologia.

atenta aos movimentos surpreendentes da produção do saber. Durante os meus anos de aprendizado como docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep, procurei desenvolver com alunos estudos de etnografia da educação numa audição sensível das múltiplas formas do saber.

Salas de aula se transformavam em oficinas de saber. A seleção dos textos e montagem dos programas das disciplinas eram feitas com alunos. Leituras eram realizadas de forma coletiva. Alunos e professor faziam fichamentos de cada leitura, compartilhavam anotações, analisando pressupostos, fontes, métodos, conceitos, ideias e argumentos principais. Procuravam ver como os textos eram construídos. Ao mesmo tempo, levantavam questões, problemas não resolvidos. Em leituras surpreendentes, a contrapelo dos textos, indagavam, exploravam incoerências, silêncios e emendas suspeitas. Descobriam a sua riqueza e o seu valor.

Em destaque, uma das disciplinas obrigatórias, Bases Epistemológicas, ministrada de forma coletiva, por vários professores num clima de discussão e diálogo. Ministrei essa disciplina com Amálio Pinheiro, Wagner Wey Moreira e Hugo Assmann. Em cada encontro, apresentávamos uma questão problematizadora. Formando um círculo amplo, cada aluno e professor expunha e compartilhava ideias. Círculos de diálogo se revelavam como centros de energia em que participantes, uns com os outros, produziam saber. Leituras se articulavam às experiências de alunos vindos de todas as regiões do país, em narrativas que formavam um retrato vivo do Brasil.

Lembro que, em um dos encontros, apresentamos a questão, “Qual foi o acontecimento mais importante do século vinte?” De forma eloquente participantes falaram de guerras mundiais, lutas anticoloniais, revoluções. Lembraram de atrocidades: Auschwitz, Chernobyl. Diásporas, genocídios. Evocaram personagens marcantes, inspiradoras: Gandhi, Che, Martin Luther King Jr., Mandela. Simone de Beauvoir. Falaram de movimentos feministas, antirracistas e LGBT. Ecoaram sinais de alerta: aquecimento global, queima de florestas, extinção de espécies animais e vegetais. Sinalizaram avanços científicos: viagem à lua, produção de energia nuclear, pesquisas em neurociência. Alguns participantes se lembraram das artes: cinema, vitrola, Semana de Arte Moderna de 1922. Indústria cultural, obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. Falaram de máquinas: carros, computadores. De forma lúdica, provocadora, alguém falou do bonde e da mamadeira. Uma pessoa também



se lembrou dos acontecimentos que caem no esquecimento, e questionou: importante para quem? Foram discussões memoráveis.

Em 1997, fui trabalhar como professor do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Senti orgulho quando, numa reunião da Adusp (Associação de Docentes da USP), a Unimep foi citada como um lugar de excelência. E a Adunimep (Associação de Docentes da Unimep) como uma referência significativa de atuação política, social e acadêmica de professores. Pelos meus anos de aprendizagem como docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep, minha profunda gratidão.

### **Relembrando a linha de pesquisa em educação motora do PPGE - UNIMEP**

Wagner Wey Moreira<sup>6</sup>

Nos anos 90 do século passado, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) foi implantada a Linha de Pesquisa denominada Educação Motora, com a presença dos professores doutores Ademir de Marco, Ademir Gebara e Wagner Wey Moreira.

A proposta dessa linha era refletir e, ao mesmo tempo, difundir o conhecimento de bases epistemológicas sobre Motricidade Humana e Corporeidade, para que estes conceitos pudessem ser apreendidos e trabalhados em pesquisas junto aos cursos de Pós-Graduação, especialmente nas áreas de Educação e Educação Física.

As duas abordagens referidas tratavam de propor uma educação que superasse o paradigma cartesiano, em especial no trato da dicotomia corpo e mente, defendendo o princípio de um ato educativo de corpo inteiro.

O trato da Motricidade Humana estava adentrando ao ambiente acadêmico do Brasil, especialmente através dos trabalhos de Manuel Sergio em Portugal e de Eugênia Trigo na Espanha. A novidade atrelava-se ao sentido de identificar a importância do movimento corporal na aprendizagem, movimento esse que não se reduzia apenas ao sentido do deslocamento muscular do corpo biológico, e sim, de toda a intencionalidade, objetividade, subjetividade do ser humano que se movimenta na busca de superação ou transcendência, aspectos esses fundamentais no âmbito da Motricidade.

---

<sup>6</sup> Professor do Curso de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Bolsista Produtividade do CNPq na área de Educação.

Já o entendimento da corporeidade estava atrelado à produção fenomenológica destinada à educação, com ênfase à produção de Maurice Merleau-Ponty. Corporeidade, mais que um conceito, demandava uma educação do ser humano em sua facticidade, em sua existencialidade na relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, tudo isto na tentativa de reaprender a ver a vida.

Complementavam também as preocupações desta Linha de Pesquisa duas outras abordagens de estudos: Desenvolvimento Humano e a Psicocinética de Jean Le Boulch, em especial na infância; e Aspectos Históricos da Educação e da Educação Física, com base em Norbert Elias.

Passaram pela linha da Educação Motora do PPGE da UNIMEP um grande número de professores que militavam no Ensino Superior e na Educação Básica. Residiram em Piracicaba docentes dos mais variados estados brasileiros como: São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas. Também a linha colaborou para a formação de pesquisadores junto ao corpo docente da UNIMEP, em especial na área da Educação Física, pois nela estiveram os(as) professores(as): Clauberto de Oliveira Costa, Hélio Sacconi, Osvaldo Luiz Terezani, Regina Simões, Roberta Gaio, Washington Spolidoro, entre outros.

Na passagem do século XX para o XXI, a então Faculdade de Educação Física da UNIMEP implantou o Mestrado em Educação Física, momento em que a linha da Educação Motora se transfere para esse novo programa, coordenado inicialmente pelo Professor Wagner e em seguida pelo Professor De Marco, deixando de existir no PPGE.

### **Depoimento de boas lembranças**

Raquel Pereira Chainho Gandini<sup>7</sup>

Trabalhei na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) a partir de 09 de agosto de 1999 até 22 de fevereiro de 2013. Fui contratada pelo Instituto Educacional Piracicabano, por meio de concurso público, para trabalhar principalmente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).

---

<sup>7</sup> Professora Doutora e Livre Docente pela Universidade Estadual de Campinas.

Os professores do PPGE trabalhavam em salas individuais, um privilégio e uma necessidade, pois possibilitava a tranquilidade necessária para orientação de alunos, correção de trabalhos e preparação de aulas. A organização do corpo docente do PPGE era realizada por meio de Núcleos e eu fazia parte do Núcleo de Política Educacional, juntamente com os professores Júlio Romero Ferreira, Valdemar Sguissardi e do saudoso e muito querido amigo de longa data, Cleiton de Oliveira.

Gostaria de deixar registrado também que, durante muito tempo almoçávamos juntos, os professores Bruno Pucci, Cleiton de Oliveira e eu, no restaurante da UNIMEP. A convivência com todos os colegas sempre foi muito agradável e ao mesmo tempo, muito profissional.

O profissionalismo do PPGE, quase todo o tempo que ali trabalhei, possibilitava a realização de um trabalho sério e responsável, principalmente no que diz respeito aos alunos. Ao serem admitidos, passavam a contar um prazo para concluírem o mestrado ou o doutorado e também para pagar as mensalidades. Caso não concluíssem dentro do prazo contratado, continuariam a pagar até a defesa da dissertação ou da tese de doutorado. Por seu lado, os professores deveriam submeter seu respectivo relatório de atividades a cada 2 anos ao Colegiado do PPGE.

Neste depoimento quero ressaltar também que os doze anos de trabalho que passei com os colegas professores da UNIMEP e, particularmente, do PPGE foram muito intensos, com muitas alegrias assentadas em uma convivência social bastante agradável e muito respeitosa profissionalmente.

Não poderia e não quero deixar de mencionar o papel importantíssimo que também tiveram para nossa alegria os nossos alunos e especialmente aqueles que orientei. A tarefa de orientação dos alunos que estão pesquisando e depois escrevendo suas dissertações e teses implica a convivência longa, quando passamos a conhecê-los e, muitas vezes, a passar junto com eles os seus problemas, dramas pessoais e algumas vezes doenças e perdas de familiares queridos. Felizmente me tornei, e ainda sou, amiga de alguns de meus orientandos. Foi uma experiência inesquecível e muito importante para o meu amadurecimento e aprendizado.

Com relação à docência, destaco a excelente experiência para mim desconhecida até então, de trabalhar em dupla com outro professor na mesma sala de aula. Durante os anos que fiz parte do corpo docente do PPGE fui responsável, juntamente com um colega do núcleo de Filosofia, pela disciplina obrigatória para todos aqueles que ingressavam no curso de

doutorado: *Epistemologia e Educação*. Inicialmente trabalhei com Professor Hugo Assmann, dividindo com ele o programa da disciplina. Posteriormente, trabalhei com o Professor Francisco Cock Fontanella e, por fim, até 2012, com o Professor Bruno Pucci. Cada um ficava responsável pela metade das aulas, com um detalhe muito importante: os dois professores estavam presentes em todas as aulas. Assim, o professor responsável pela aula tinha entre seus ouvintes o colega com quem dividia o programa. Essa peculiaridade fazia uma grande diferença na qualidade das aulas ministradas e também servia como exemplo de respeito a diferentes pontos de vista entre dois colegas. Para mim, esta configuração torna melhor, contudo, também mais dispendiosos, muitos cursos. Muitas resoluções pedagógicas que são (ou não) tomadas, tem também embasamento financeiro e administrativo.

Apresento neste depoimento somente alguns dos aspectos que considero boas lembranças dos colegas, alunos, funcionários do PPGE e da UNIMEP. Nossa convivência muito agradável social e profissionalmente. Agradeço o convite para participar deste dossiê especial, alusivo aos 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP.

### **Lições de uma professora iniciante na pós-graduação**

Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha<sup>8</sup>

Este depoimento, em comemoração aos 50 anos do PPGE/UNIMEP, destaca algumas referências e experiências importantes no processo formativo da professora iniciante na pós-graduação e, mais do que testemunho, é uma forma de agradecimento aos colegas e à instituição.

O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Metodista de Piracicaba faz 50 anos! Sinto-me honrada por ter feito parte dessa história e compor esse Dossiê comemorativo.

Fiz parte do quadro permanente de professores de 2009 a 2018. Esse foi um período de muito aprendizado, especialmente porque corresponde ao meu ingresso como docente e pesquisadora na pós-graduação. Fui professora da educação básica durante muitos anos e concluí o doutorado em 2006. A partir de então é que passei a me dedicar ao ensino superior, mas, a princípio, lecionando nos cursos de licenciatura.

---

<sup>8</sup> Pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC/UNICAMP. Ex-docente do PPGE – UNIMEP e do Mestrado em Educação – UNISAL. Professora e orientadora no Curso de Especialização em Gestão Escolar da ESALQ/USP.

É no PPGE/UNIMEP, como professora iniciante, que assumo os desafios de articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como orientar os alunos de mestrado e doutorado. Marco essa condição de professora iniciante, pois compreendo que cada etapa da vida profissional pode ser entendida como um início, como um novo ponto de partida, que carrega consigo as inseguranças e dúvidas próprias de todo início. Embora experiente como professora, em 2009 eu me reconhecia como uma professora iniciante na pós-graduação.

E que privilégio ser recebida por um grupo de docentes com enorme experiência nas atividades da pós-graduação e com trajetórias admiráveis! Poderia nomear cada um deles, mas escolho dois colegas para representá-los nesse momento.

Agradeço ao professor Cleiton de Oliveira, coordenador do PPGE no momento que ingressei, que me recebeu com sua simpatia peculiar e que me tranquilizou afirmando que eu poderia ter calma para me situar nesta nova etapa, deveria conhecer os processos e atividades sem me sobrecarregar e, principalmente, não precisava me cobrar por alcançar a produção de meus colegas veteranos. Quem trabalha ou trabalhou na pós-graduação conhece bem as exigências de produção acadêmica, sobretudo em um Programa nota 5 da Capes. Como professora iniciante eu me vi diante de colegas com inserção nacional e internacional respeitáveis, com larga experiência no desenvolvimento de projetos de pesquisa financiados, sólidas parcerias com outras instituições de ensino, além de currículos de publicações invejáveis. O professor Cleiton, com sua sabedoria e gentileza, tratou de deixar claro que não esperava que “pontuasse” aqueles quesitos (e tantos outros) de uma hora para outra. Tranquilizou-me que o percurso acadêmico era uma construção. Aquele momento era só o meu início. Aprendi muitas coisas com ele, inclusive, de que é possível discordar e discutir sem perder a ternura. Cleiton era um cavalheiro!

Outra referência formativa no PPGE é, sem dúvida, o professor Bruno Pucci. O professor Bruno tem as mesmas qualidades do professor Cleiton, mas dele guardo como modelo, em especial, o seu vigor. Impossível não admirar seu vigor físico pedalando até a UNIMEP, mas seu vigor intelectual e capacidade de diálogo são marcas registradas. Bruno não só cumpriu com as exigências de sua atividade como pesquisador desenvolvendo um vasto conjunto de publicações, mas demonstrou uma enorme responsabilidade e satisfação por compartilhar suas reflexões e resultados de pesquisas em colaboração com inúmeros colegas e orientandos. Aprendi com ele que a vida acadêmica não precisa ser dura, mas pode ser gratificante e enriquecida com muitas parcerias.

Das muitas lições que me constituíram professora e orientadora na pós-graduação, quero destacar duas experiências muito significativas.

Os professores do PPGE compartilhavam a responsabilidade pelas disciplinas obrigatórias dos cursos de mestrado e doutorado ministrando as aulas em duplas. Professores de Núcleos de Pesquisa diferentes tinham a oportunidade de, em diálogo com os alunos, refletir e problematizar as temáticas que compunham o plano de ensino a partir de pontos de vista diferentes e apoiados em suas respectivas áreas e ênfases de formação. Isso fazia das aulas um ambiente de pluralidade de ideias e ampliação do repertório de conhecimentos de todos. José Saramago, em depoimento ao documentário *Janelas da Alma*, afirma: “Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta. Dar-lhes a volta toda”. Esse era o espírito das aulas do PPGE: dar a volta toda (e muitas voltas) para conhecer e compreender o campo da Educação.

Outra experiência formativa relevante – para alunos e professores – era o Seminário de Pesquisa. Cada Núcleo tinha um encontro semanal reunindo mestrandos, doutorandos e orientadores para discussão, em especial, dos projetos de pesquisa em andamento. Nesse contexto exercitava-se a responsabilidade compartilhada pelo trabalho, como nas aulas, e o aprendizado contínuo e rigoroso sobre a construção da pesquisa em Educação. Aprendíamos a fazer pesquisa discutindo pesquisa!

O PPGE/UNIMEP, sem dúvida, é parte importante do meu desenvolvimento profissional. Ofereceu-me muitos desafios, oportunidades, aprendizados e amizades. Gratidão!

### **Unimep: referência na pós-graduação em educação?**

Selma Borghi Venco<sup>9</sup>

A abertura de um concurso público para ingresso no programa de pós-graduação em educação (PPGE), em 2010, na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) chamou a atenção em um tempo em que os concursos públicos eram escassos ou privilegiavam a contratação de jovens doutores.

---

<sup>9</sup> Professora da Faculdade de Educação da Unicamp, ex-docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep (2010-2013).



A Unimep tradicionalmente reconhecida pela excelência no ensino e pesquisa, mas igualmente pelo seu engajamento político tanto externo, contra a ditadura civil-militar, quanto interno, mediado pelas lutas de docentes e técnicos-administrativos pela não demissão em massa mediante a exoneração sumária por telegrama, como também pela garantia da dignidade da instituição, posto terem a convicção do desrespeito àqueles e àquelas que a edificaram.

Um histórico deste calibre só poderia chamar a atenção de uma socióloga do trabalho, com atuação profissional no movimento social e, concomitantemente, na academia, focada na relação entre trabalho e educação.

É assim que respondo ao edital da pós-graduação em educação da Unimep e sou arguida por uma banca composta pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Pacheco Schnetzler, que se tornou uma amiga muito querida, referência no ensino de Química e ex-professora da Faculdade de Educação da Unicamp; pelo saudoso Prof. Dr. Cleiton de Oliveira, nome de destaque na política educacional nacional, ele também oriundo da Unicamp; e pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joyce Adam, a doce, simpática e competente docente da Unesp de Rio Claro, que seria, posteriormente, companheira em bancas e concursos.

A chegada ao PPGE é marcada por alguns sentimentos: a interação professora-estudante, o compromisso com a educação, a pesquisa e a defesa da proposta educacional da Unimep. Era uma equipe coesa, diversa em vários sentidos e havia o grande privilégio de contar com o ex-reitor Prof. Dr. Elias Boaventura que, com sua mineirice, nos recebia sempre com interesse pela pesquisa e fatos políticos.

O funcionamento do programa assemelhava-se ao praticado pelas universidades públicas: parte da jornada era dedicada à pesquisa e à extensão, com acompanhamento sistemático da produção, organizado em núcleos temáticos que agregavam docentes e estudantes. As disciplinas obrigatórias eram cautelosamente construídas, de forma a conferir uma base teórica ampla e diversa a um corpo discente oriundo de áreas distintas e complementares. O ambiente responsável e cauteloso na edificação do conhecimento associava-se à leveza entre os pares e, sobretudo com os futuros e futuras pesquisadoras.

As divergências borbotavam, mas o respeito predominava mesmo nos debates mais acalorados.

Seria 2012, 2013? Na abertura do ano letivo o reitor fala em tom de súplica: me ajudem a colocar mais de sessenta estudantes por turma. E, na aula inaugural, não seria

possível não responder, pois se o modelo se concretizasse seria o fim do projeto político pedagógico da Universidade: “sessenta alunos por turma será palestra, professor, e não a aula que acreditamos”. Este era o diferencial da Unimep em relação às demais privadas, era a qualidade do corpo docente, do engajamento com a ciência que o levava à obtenção de excelentes avaliações. O PPGE era conceito 5 na CAPES.

Na condição de representante eleita dos e das docentes, pude aprender muito sobre a dinâmica de um modelo de difícil sustentação financeira, o qual, entretanto, era o espaço respeitoso e local para disputarmos nossos ideais.

A vivência na instituição confirmava as primeiras impressões da seriedade à proximidade amiga, mas revelava tensões internas severas expressas pela existência de duas carreiras distintas para docentes, cortes orçamentários importantes e a constante ameaça de demissões que, ao longo dos anos, foram se consolidando.

Meu tema de pesquisa sempre foi, desde a graduação, o trabalho. Eu já com mais de cinquenta anos, não poderia arriscar a insegurança que rondava os corredores e os cafés (saudosos cafés!).

Foi difícil a decisão de realizar a inscrição em um concurso público. O fiz em silêncio, pois eu mesma não queria aceitar a possibilidade de deixar uma Universidade que dialogava estreitamente com meus princípios, com colegas dedicados e envolvidos e estudantes com sede de aprendizado.

Uma vez aprovada na Unicamp, decidi deixá-la. Colegas, já amigas e amigos, reagiram mal. Apesar da tristeza que me tomou, hoje compreendo que a reação foi uma declaração de carinho e amizade. Ouvi frases: “você vai nos matar do coração pegando estrada todos os dias!”; “o salário é praticamente igual!”... mas, naquele momento, eu buscava estabilidade e melhores condições de trabalho, de financiamento da cobrança internacionalização, da participação em congressos, entre outros aspectos.

É assim que me despeço com tristeza, mas conservando as alegrias que amigos e amigas me proporcionaram.

Hoje, ao olhar a Unimep, o pesar é ainda maior frente a um PPGE em migalhas, com cinco bravos e bravas docentes que tentam mantê-lo apesar do estrangulamento que vivem.

Uma Universidade que ficou entre o projeto da educação-mercadoria e o respeito aos princípios que a edificaram. Pelo resultado, podemos confirmar que o gerencialismo nas políticas nas universidades públicas e nas confessionais se equivoca, pois estas não são

empresas. Modelos de gestão empresarial não funcionam nem nunca funcionarão em instituições sérias e comprometidas com a ciência.

Viva a Unimep-raiz e de garra! Parabéns, PPGE, pelos seus 50 anos.

Primavera (!), 2022

## **Referências**

SAVIANI, Dermeval. “A Pós-Graduação em Educação no Brasil: pensando o problema da orientação”. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A.M.N. (Orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**, 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2012, p. 148-176.

SILVA, Rinalva Cassiano; BARROS, Davi Ferreira. **Entre a autonomia e a competência**. 3ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1997.

SILVA, Rinalva Cassiano; EDUCAÇÃO, F. P. P. E. A natureza da pós-graduação: área de concentração ou núcleo de pesquisa?. In: CASTRO, Amélia Domingues et al (Org). **Pensando a pós-graduação em educação**. 1ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1993.

SILVA, Rinalva Cassiano. **Educação: a outra qualidade**. 1ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1995.

SILVA, Rinalva Cassiano; FELDMAN, Mariana; PINTO, Fátima Cunha. **Administração escolar e política da educação**. 1ª ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1997.

*Recebido: novembro/2023.*

*Publicado: janeiro/2024.*